

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal da Torre*Class.: 11Data: 23 de agosto de 1976

Pg.: \_\_\_\_\_

## A antiga e fatal ajuda

Luiz Carlos Lisboa

O relacionamento dos descobridores e colonizadores com os habitantes primitivos da América é uma página negra e vergonhosa da história dos povos brancos civilizados. A brutalidade com os índios e a indiferença com os seus direitos começaram no instante em que os primeiros portugueses e espanhóis chegaram ao Novo Continente. Há, portanto, uma tradição de quatro séculos de egoísmo desenfreado no contato com os indígenas, e não é de espantar que hoje, em pleno século da tecnologia e da racionalidade, esse relacionamento seja ainda tão inadequado — embora nem de longe se pareça com os horrores do passado. A colonização espanhola da América, então, não conheceu nunca algumas amenidades do temperamento lusitano, no qual a cobiça foi temperada, nos séculos XVI e XVII, pela cordialidade natural dos nossos descobridores.

Anchieta, Nóbrega e Bartolomeu de las Casas defenderam sempre com maior ou menor disposição, os indígenas. Alguns outros missionários, viajantes e intelectuais, como Francisco Gómara, Vasco de Quiroga, Cieza de León e Gonzalo de Oviedo, invectivaram os espanhóis pela terrível codícia que estimulou tanta violência e perpetrou os piores crimes contra culturas indefesas e povos inocentes. A lenda do *El Dorado*, fabricada pelo sonho de aventureiros ambiciosos, justificou muitas mortes e desencadeou muitos ódios. Gonzalo Pizarro, inescrupuloso e rebelde, reuniu 400 espanhóis e 4.000 índios, e com eles atravessou os Andes, no século XVI, a pé e a cavalo, embrenhando-se na Amazônia. Meses depois, só regressaram alguns. O clima, as feras, a alimentação deficiente, as febres destruíram a expedição mas não mataram as ilusões. O *El Dorado* continuou fascinando os aventureiros e milhares de outros homens morreram à sua procura.

Os depoimentos de contemporâneos das descobertas são assombrosos e sinistros. Francisco Gómara, mesmo defendendo seu amigo, o indefensável capitão Hernán Cortés, toma o partido dos índios e se horroriza com os maus-tratos por eles recebidos dos europeus. O indígena é naturalmente rebelde à escravidão e isso, conta o historiador, irritava os violentos capitães espanhóis, que não vacilavam em torturar e matar. Para Bartolomeu de las Casas, "todas as guerras contra os índios são injustas" e todos os conflitos em que eles se envolveram foram provocados pela incompreensão de representantes de uma cultura diferente. A atuação criminosa de Cortés e Pizarro, massacrando e extorquindo as populações nativas americanas "em nome de Deus e de Sua Majestade" — como lembra Amado Luiz Cervo em seu *Contato entre Civilizações* (Editora McGraw-Hill do Brasil) — foi bem representativa de uma atitude geral em relação ao índio americano.

No Brasil, para conseguir escravos e conquistar terras cultiváveis para a cana-de-açúcar, os portugueses praticamente dizimaram o tronco

Tupi, expulsando os remanescentes do litoral, já no século XVI. No século seguinte a civilização européia avançou para o interior do Nordeste e ao longo do rio São Francisco, invadindo também o Pará e o Maranhão. Em S. Paulo, o branco teimava ainda em escravizar o índio, indo buscá-lo no interior e punindo sua rebeldia com a morte, frequentemente. No século XVIII essa perseguição — aí já para conquistar terras e extrair riquezas minerais — chegou a Minas Gerais e a Mato Grosso, em grande escala. Por essa época, começaram a desaparecer os Caiapós, em Goiás, os Timbiras, no Maranhão, e pouco depois, no século XIX, os primeiros Xavantes foram abatidos. Em 1900 ainda havia 230 grupos indígenas no Brasil. Em 1957 restavam apenas 143. Em meio século desapareceram completamente 87 grupos. Hoje, quantos restam de fato?

Leis brasileiras de 1808 e 1809 simplesmente declaravam guerra a determinadas tribos e autorizavam a escravidão de índios. Essas leis foram revogadas em 1831, e em 1843 o governo autorizou a vinda de missionários estrangeiros (capuchinhos) para ajudar no contato com os indígenas. Em 1805, um decreto dispunha sobre a instrução cívica e religiosa dos chamados selvagens. Essas, talvez, bem intencionadas iniciativas oficiais, prejudicaram muito todas as culturas "auxiliadas". Os contatos com o branco foram absolutamente fatais para os grupos que conheceram essa aproximação. A cultura indígena é desprotegida diante da nossa cultura avassaladora, possessiva, profundamente convencida da sua superioridade. Em pouco tempo os guerreiros das tribos são reduzidos à lamentável condição de tipos pitorescos, andrajosos, afetados por enfermidades contra as quais seu organismo não possui defesas. A primeira preocupação séria com o índio criou, em 1910, o Serviço de Proteção aos Índios. Esse, por outro lado, foi o início de uma extraordinária ilusão: a de que a lenta aculturação é um benefício para o indígena. Não há esforço ou boa intenção que possa mudar as coisas. Aculturação é a morte do índio.

Na lenda *krahô*, o personagem Aukê consegue transformar em realidade a velha aspiração do silvícola aculturado, tornando-se branco civilizado. Chama então todos os índios da floresta e manda que escolham entre um arco e uma espingarda. Ninguém vacila, todos escolhem o arco, embora sabendo o que significa a espingarda. Essa decisão se baseia no fato de que a caçada é boa pelas dificuldades que oferece e a guerra é estimulante e heróica porque os adversários se enfrentam de perto. A espingarda abrevia o prazer de caçar para comer e revela covardia no guerreiro. Se os índios escolhessem a espingarda seriam tão ridículos quanto o "carasbas", ou brancos. O ambicioso Aukê não entendeu a escolha e chorou muito porque seus antigos irmãos fizeram, aos seus olhos, a escolha errada. Aukê parece ter sido o único índio pragmático da mitologia indígena.